

RESENHA

SILVA, Marconi Oliveira de. *Wittgenstein: para além da linguagem agostiniana*. Editora Universitária da UFPE: Recife, 2012. 195 p.

*Bento Itamar Borges**

O autor Marconi Oliveira da Silva é professor aposentado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tem mestrado em filosofia e doutorado em linguística. Já havia publicado três livros e, segundo a orelha deste aqui considerado, cumpriu sua tarefa acadêmica também ao escrever artigos para periódicos especializados. E é importante que os leitores desta resenha tenham em mente que Marconi permanece de acordo com Wittgenstein, ainda na fase do encantamento, que costuma tomar conta dos leitores daqueles dois raros engenheiros-filósofos: o primeiro e o segundo Ludwigs.

Sobre a inveja, tão próxima dos ciúmes e outras vaidades acadêmicas, cabe dizer que Wittgenstein nos liberou ao dizer que não tinha a pretensão de ser o primeiro a tratar naqueles temas da linguagem e ao anunciar a humilde expectativa de que seu livro levasse outras pessoas a pensar. Essa postura lembra a sutil ironia do bom-senso bem distribuído, conforme Descartes. Sim, todos estamos dotados da mesma razão e todos podemos pensar de vez em quando nas dificuldades geradas pela troca de frases em uma conversa. Todavia, nem todos reúnem seus pensamentos em cadernos azuis ou marrons (castanhos, em Portugal), como aconteceu com Wittgenstein – de quem até mesmo os restolhos jogados em uma caixa de papelão viriam a ser tratados como área de garimpo. Fichas soltas, quase signos mínimos fora de sintaxe.

Algum interlocutor cético poderia alegar, contra a iniciativa de Marconi, que Wittgenstein esperava que outros pudessem pensar, mas não necessariamente escrever um livro a respeito. Ora, é isso que move o mundo acadêmico em saudável parceria com os negócios editoriais: textos provocam textos. Todavia, o perfeccionismo pode emperrar a indústria

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor aposentado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (1979 a 2013). *E-mail*: bentoib@gmail.com

gráfica; um dia o autor – seja o austríaco, o pernambucano e até mesmo este mineiro que ora compõe uma resenha – tem que enviar seus manuscritos ao editor. Pois a vida é curta e sempre poderemos apelar para a errata. Este introito antecipa uma ressalva a alguma crítica que esta resenha venha a fazer – mais à editora que ao autor – e reconhece o mesmo risco que também corre este gênero menor, quase jornalístico: errar na grafia, no tom e na avaliação.

O tema amplo do livro de Marconi é a linguagem humana. O problema geral é que, além de conversar, ler, escrever, traduzir, os homens e as mulheres costumam matutar sobre o funcionamento dessa instituição que nos constitui. Podemos dizer e desdizer, contradizer, reenunciar, parafrasear. Para agravar o problema, as visões filosóficas complicam e comprometem duplamente nossa maneira de pensar sobre as palavras e as coisas. Marconi segue Wittgenstein, ao estilizar em duas frentes a disputa: a tradicional e a de Wittgenstein. O propósito do livro, claramente anunciado no título, é “compreender porque a linguagem agostiniana usada pela filosofia tradicional engessa o pensamento, pois ao se colocar fora do mundo da língua ordinária, busca ‘explicações’ e ‘soluções’ sem sentido para o pensamento filosófico” (p. 12).

O texto de Marconi começa, na “Apresentação”, com a lista das dificuldades comuns – elencadas por estudiosos – na leitura das *Investigações filosóficas*, a obra mais extensa do assim chamado segundo Wittgenstein, que é composta de quase mil parágrafos (ou proposições), numeradas em sequência, mas não sistematizadas em capítulos e seções. Todavia, os comentadores sabem reconhecer blocos temáticos. Marconi dedica-se aqui, sobretudo, aos primeiros 64 parágrafos, que também o *Dicionário Wittgenstein* reúne sob o título “visão agostiniana da linguagem”. A concepção criticada pelo pensador austríaco, conforme exposição de Marconi, recua aos primórdios da reflexão, em Aristóteles, e ao modelo tomado de Santo Agostinho, mas abrange, na verdade, todo o “resto”, ou seja, na disputa de paradigmas, trata-se de contrapor a novidade-Wittgenstein a tudo de errado que se pensou e disse antes a propósito de objeto, imagem, enunciados, etc. em toda a filosofia ocidental. Não é pouca coisa, sobretudo quando sabemos que a metade *oriental* não é levada em consideração, enfim. O velho paradigma, em crise agudizada no início do

século XX, é também chamado de essencialista, “isto é, [tinha] a linguagem como representação das coisas e do mundo” (p. 13). Wittgenstein combate, portanto, adversários que vão de Aristóteles a Frege, ou seja, encara também estrelas contemporâneas, que estariam igualmente equivocadas, não obstante o cacife da marca *neopositivismo* e a meta comum de atacar e derrubar a velha metafísica. Mas que os novatos do RPG não esperem uma escaramuça em campo de batalha ou um pesado bombardeio de *drones*; Wittgenstein parece seguir os conselhos que o nobre Montaigne trouxe da arte da esgrima: assaltos rápidos e breves, direcionados. Ou, da metáfora gástrica: mordiscar, debicar, digerir, etc. Enfim, como lembra Marconi: as *Investigações* são viagens, ou, melhor, um álbum de fotos de viagem.

O livro de Marconi nos ajuda a entender a doença e a cura. E, como amostra grátis, o leitor terá acesso a uma boa dose, atualizada para nossa “forma de vida” consumista e televisiva. A doença essencialista aparece diagnosticada nos capítulos 1 e 2, intitulados: “Na filosofia tradicional o significado da palavra é o objeto” e “A linguagem agostiniana ou o paradigma da representação”, respectivamente. O *turning point* vem nos capítulos 3 e 4, onde são apresentadas e exemplificadas as noções de “uso e significado” e “jogos de linguagem”, inclusive as ricas conversas sobre nome, nomear, definição, ensino ostensivo, definição ostensiva, elucidação e forma de vida.

Em torno desse último item, proliferam debates e devaneios também nos campos da sociologia e da antropologia, pois os jogos de linguagem são – mais ou menos como o xadrez e o carteadado – brincadeiras de salão, com regras (e discussões sobre o que significa seguir uma regra e, claro, o que significa *significar* alguma “coisa”).

O capítulo 5, “Filosofia tradicional X gramática filosófica”, que se abre com um excelente resumo, parece equivaler a um “experimento crucial” ou “tira-teima”, para convencer os últimos renitentes, ainda arredios ao “feito heróico” de Wittgenstein (para utilizar aqui terminologia de Thomas S. Kuhn, que Marconi não cita, embora use, ao final, o termo “paradigma” – em uma das diversas acepções). Os capítulos 6, 7 e 8 valem como uma demonstração do novo modelo, os medicamentos da terapia (ou as instruções para retirar da garrafa a mosca – mais precisamente, *lure it out*, seduzi-la para fora). Ou, de novo nos termos revolucionários de Kuhn:

vejam lá os novos leitores como foi que Wittgenstein conseguiu montar os quebra-cabeças. E não se importem com as peças que sobram, pois o mesmo acontece com livros, equipamentos (e pesquisadores) dos velhos laboratórios: são superados e abandonados, como história.

O livro de Marconi serve também para nos alertar contra a ilusão da linguagem ordinária, com exemplos aparentemente banais, do tipo que se tornou moda entre filósofos analíticos – além da mosca, o gato em “*the cat is on the mat*” – pois muitas vezes o problema é justamente saber responder: exemplos de *quê?* A recente tradição analítica deixou-nos desconfiados; devemos estar sempre atentos contra o compromisso ontológico e devemos evitar as “expressões sistematicamente enganadoras”. Além de *cats and flies*, no restante do livro de Marconi, continua a briga de cachorros grandes. A visão pragmática de Wittgenstein devastou a filosofia do “espelho da natureza”. Seu novo paradigma impõe-se também contra o peso-pesado Frege: fica perdido todo o esforço deste rumo a uma “conceitografia”, pois isso cai fora da linguagem (p. 148-149).

Ao final, o “objeto” reaparece, embora não se trate de uma grande reconciliação – pois aqui vale a regra de não aceitar revanche de paradigma destituído. Marconi admite ou revela que “Wittgenstein não anulou simplesmente os objetos do mundo e da filosofia”, se bem que o objeto não possa “ser usado exclusivamente como referência para o significado” (p. 148). Isso remete a estranhos exemplos trazidos para aulas de filosofia da ciência, do tipo: mesmo um físico moderno que, teoricamente, oscila entre partícula e onda, desvia de um poste, quando deixa suas equações no gabinete e volta para a rua. A sofisticada “conversa” entre filósofos, linguistas e físicos (para lembrar categoria de Rorty) cuida não só da relação ou da ligação entre palavras e coisas; Marconi recoloca essas confabulações em alguns tons acima da linguagem ordinária: “E a relação do conceito com os objetos?” (p. 148). A alegada sofisticação decorre dessas infinitas mediações e da variação de enfoques. E sempre pesa sobre (nós) filósofos a vergonha e a culpa: não sabemos empregar a gramática, como fazem as pessoas comuns lá fora.

Espera-se que uma resenha possa sugerir a leitura do livro de que se ocupa. Algumas podem até instigar o potencial leitor. Mas não podemos aqui mistificar e trair as intenções de Wittgenstein nem as de

Marconi; muitas questões ficam abertas e há finais de capítulos, como o sétimo, bastante lacônicos. Depois de duramente combatido, o objeto volta à cena (do crime?); pois, sim, há objetos. “Mas afinal o que seria um objeto? Wittgenstein diz que ‘objeto’ pode se entendido como ‘significado de uma palavra não ulteriormente definível’”, etc (p. 150). Ora, a saída é seguir adiante e ler outras obras e pensar nas velhas questões com novas ferramentas. Ninguém vai ler Marconi para salvar “as aparências” e muito menos os objetos, mesmo que nos pareça indigesto ler neste livro e em outros a afirmação exagerada de que “não há nada por detrás das palavras ou na mente dos interlocutores. O limite do sentido da frase é como ela é usada” (p. 141). Se o leitor acha que esta citação está fora de contexto, acertou: o contexto é uma das bases da pragmática e uma apelação clássica dos advogados (origem de atenuantes e agravantes – modalizações do argumento, conforme S. Toulmin). Só a leitura do livro de Marconi e, depois ou ao mesmo tempo, da obra de Wittgenstein – ou de partes dela, amostras – poderão recriar o contexto da discussão acadêmica (mas nem tanto o dos efêmeros jogos de linguagem, onde já estamos sempre).

A bibliografia de Wittgenstein e sobre ele parece suficiente para um livro desse porte. Vemos ali alguns conhecidos estudiosos – inclusive brasileiros – que se dedicam ao pensador austríaco e outros que se vinculam ainda ao paradigma tradicional. Não vamos cumprir aqui o papel desagradável dos arguidores de bancas de tese, pois se eu senti a falta de Thomas Kuhn e a de Rorty nas referências de Marconi, outros leitores falarão de outras ausências – e isso não tem fim. E, repitamos, o livro de Marconi trata de grandes questões e soluções – e da atividade filosófica, enquanto terapia – mas não tanto de autores ou escolas. Também em respeito às demarcações de Marconi e às limitações deste gênero de texto, esta resenha não será dilatada para retomar a conversa sobre Santo Agostinho – mais feliz e até precoce, quando tratou de linguagem e de interpretação, em outras partes de sua extensa obra. Todavia, gostaríamos de pautar – como dizem os sindicalistas em assembleia – alguns pontos para futuros debates, mesmo que outros cuidem de atar o guiso ao pescoço do gato. Fique registrado, inclusive para os novos leitores, que talvez se interessem em voltar, por exemplo, ao caso das traduções diferentes e até divergentes, que constituem grande parte da tarefa da hermenêutica. Não

precisamos ir tão longe quanto comparar duas ou três traduções da mesma obra maior do primeiro Wittgenstein, o *Tractatus*. Baste-nos, por enquanto, sugerir a leitura de duas traduções da passagem de Santo Agostinho citada no início das *Investigações*. Na tradução de J. C. Bruni, adotada por Marconi, o trecho do santo ficou assim: “Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isso e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo”. Por outro lado, na edição da portuguesa Calouste Gulbenkian, traduzida por M. S. Lourenço, lemos: “Quando eles (os meus pais) diziam o nome de um objeto e, em seguida, se moviam em sua direção, eu observava-os e compreendia que o objeto era designado pelo som que eles faziam, quando o queriam mostrar ostensivamente”. Além das diferenças marcadas por “se” e “quando”, entre os modos verbais – subjuntivo/indicativo – cabe ressaltar que Agostinho mesmo, no original, em latim, já utilizara “*ostendere*”.

Enfim e, de novo, para atrair muitos leitores (ou, pelo menos, não afugentar alguns), com base na recém-aventada perspectiva hermenêutica, cabe-nos ponderar que as proposições “sem sentido” na filosofia podem dar boa poesia, alhures. E é certo que o esclarecido vienense Wittgenstein não teria nada contra um poema sonhador ou um rasteiro filme de caubói para depois do expediente. Todavia, a hermenêutica volta ao cenário por causa do excesso de sentidos ou, no mínimo, o duplo sentido, a ambiguidade. O “jogo” é também um grande verbete no dicionário Gadamer.

Prova disso – da permanência do esforço interpretativo, depois de toda a contribuição analítica – é que sabemos ler encartes de propaganda e conseguimos comprar frango em pedaços (que pode parecer mais apetitoso – para os onívoros, pelo menos – na imagem impressa que na gôndola de congelados). Estamos aqui falando sobre – ou nos referindo a – a última seção do livro de Marconi, o anexo “Um linguista no supermercado”. O professor de comunicação social não só analisou o jornalismo, como também se utilizou de seus recursos, mestiçados com gêneros acadêmicos, e com isso brinda o leitor com uma amostra da recente pragmática, que, é claro, avançou e diversificou-se depois de Wittgenstein e de Grice, com Sperber e seus seguidores, por exemplo.

Fica por conta do leitor a decisão de passar primeiramente pelo anexo. É uma possibilidade que não vai matar a charada e nem tirar a graça, como na anedota sobre o título de um romance policial; o mordomo que, no caso, matou a velha visão essencialista da linguagem é mesmo Ludwig de Tal – mas não agiu sozinho (e a vítima volta igual figura em um conto de Poe). Para quem gosta de piadas, Wittgenstein teria sugerido que um tratado de filosofia fosse – ou tivesse que ser – uma coleção de anedotas. Mas podemos também encerrar este parágrafo com a imagem que Walter Benjamin tomou de Baudelaire: o poeta vai à cidade ver vitrines e também para vender seus poemas. Sem ressentimentos contra nossa forma consumista de vida, podemos dizer que Marconi também vai ao mercado para comprar frangos e vender seu livro. E esperamos que esta resenha, possa ajudar, na segunda operação, a esgotar logo a primeira edição de *Wittgenstein: para além da linguagem agostiniana*.

Em tempo, a parte chata de meu ofício. A Editora Universitária da UFPE não cuidou tão bem da revisão do livro de Marconi como cuidou de sua bem elaborada capa, com um rosto ampliado de Wittgenstein, meio encoberto por fumaça. O texto de Marconi merecia um retoque, sempre mais eficaz nas mãos de terceiros, para corrigir pequenos problemas de digitação e regência, bem como algumas lacunas e incongruências. Coisas do tipo: o exemplo anunciado pelo autor não apareceu (p. 142) e, por isso, ficou sem referência um subsequente pronome “isso”. Além disso, encontramos no livro um “Sumário” meio inútil, já que não nos indica as páginas de capítulos e seções. Ou foi descuido ou alguma inovação gráfica algo performática. Também por essas e outras é que um autor espera a segunda edição de seu livro que, ao contrário dos jornais, pode demorar meses ou anos. Todavia, um leitor inteligente não precisa aguardar tanto e pode ler a edição que já está nas bancas. Esse leitor é o que sabe ler, cobrar escanteio, cabecear e fazer pontes – domina os diversos jogos.

Data de registro: 17/06/2013

Data de aceite: 21/08/2013